

Uma escola para os refugiados das colinas de Phop Phra

Universitários de Cingapura viajaram à Tailândia para reconstruir uma escola que se encontra nas colinas de Phop Phra. Aí, no meio da selva, refugia-se um grupo de birmaneses da etnia Karen, perseguidos em seu país.

25/09/2007

Os montes Dawna separam a Tailândia da Myanmar (ou

Birmânia). Uma das poucas estradas que os atravessam passa por Mae Sot, um pequeno povoado pelo qual passamos e que foi o último contato com a civilização. (Galeria de fotos do canteiro de obras).

Dirigimo-nos às colinas de Phop Phra onde participamos de um canteiro de obras organizado pela East Asian Education Limited (Cingapura). O objetivo era reconstruir a Saint Peter School, uma escola em ruínas, que acolheria uma centena de filhos de famílias birmanesas que se refugiam nesta selva.

O grupo de universitários que dedicaram a estes refugiados um tempo de suas férias inspiraram-se nestas palavras de São Josemaria: **“Os universitários necessitam ter responsabilidades, ter uma sadia inquietação pelos problemas dos demais e um espírito generoso que os leve a encarar estes problemas,**

e a procurar a melhor solução para eles”.

Por isso, resolvemos colaborar. Antes de partir, recolhemos muito material para a escola – como livros, lápis e papel - , e buscamos a ajuda monetária de um bom número de pessoas que, naturalmente, contribuíram generosamente. Também aprendemos um pouco de tailandês.

Voamos de Cingapura a Bangkok e daí fomos, por estrada, a Mae Sot. Não podíamos imaginar o que nos esperava nas montanhas.

PRIMEIRO TRABALHO: NIVELAR O TERRENO

Kannan, um dos participantes, escreveu em seu diário:

“O lugar era uma pequena aldeia e a escola, uma ruína. Ao descer do furgão que nos havia trazido a Phop

Phra por uma estrada de terra, fiquei nervoso ao pensar no compromisso que havíamos assumido”.

“Em meio à Babel linguística, os guias nos apresentaram às crianças reunidas às margens de um riacho que corria por trás da escola. A seguir, o diretor (e único professor) reuniu-se a nós, acompanhado de sua esposa e filhos”.

“À primeira hora da manhã, começamos a nivelar o terreno e rapidamente uniram-se a nós, espontaneamente, um grupo de pais de alunos”.

Shawn, outro garoto de Cingapura, acrescenta, de próprio punho:

“Que pobres são e, entretanto, que generosos e alegres. Para nós, rapazes de cidade, o trabalho é esgotante, mas os nativos pareciam possuir uma energia inesgotável. Traziam uns tijolos ou uma vasilha com

argamassa, sorriam e empenhavam-se em repetir nossos nomes. Luke, professor de Física em Cingapura e diretor do grupo, comentava: Não há forma de negar-lhes nada”.

Com o passar dos dias, o edifício começou a adquirir sua forma definitiva. Levantamos as paredes de alvenaria, fizemos o telhado, colocamos as portas das salas de aula e pintamos. Estávamos esgotados, mas felizes. Considerávamos os habitantes da aldeia como parte da nossa família.

Shawn continua seu diário:

“Ao despedir-me de meus novos amigos e dos garotos, senti-me triste. Sinto-me ligado a eles por um laço invisível que me diz que tenho que voltar”.

“Ao lançar um olhar sobre os dias passados nas montanhas da Tailândia, dou-me conta de que, pela

primeira vez, pude experimentar o que é a pobreza. Cada um dos dias, dormindo no chão, tomando banho com água fria, ou construindo uma escola com minhas mãos, foi para mim um novo sacrifício. No campo, aprendi a não ser materialista! Aprendi que a alegria não é o resultado da riqueza, ou de se possuir mais coisas, mas o fruto de ser humilde, de não estar apegado às coisas materiais e de viver uma relação íntima com Deus”.

Nas colinas de Phop Phra aprendemos não só a construir uma escola mas, além disso, outras coisas muito mais importantes.